



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

Conjuntura Internacional

ano 6 • nº 9 • 13 a 26/12/09 • ISSN1809-6182

Análises

15/12/2009 - A visita de Shimon Peres ao Brasil e a relação brasileira com o Oriente Médio.....p.01

Após muito tempo, o Brasil aprofunda as relações com países do Oriente Médio, recebendo a visita do presidente de Israel e do líder da Autoridade Nacional Palestina. O país busca espaço para atuar diplomaticamente como mediador no conflito israelense-palestino, aumentando, assim, sua relevância em âmbito político e seus laços comerciais com a região.

15/12/2009 - Brasil: Papel de Mediador no Oriente Médio?.....p.05

As visitas do presidente israelense, Shimon Peres, do presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad e do líder palestino Mahmoud Abbas trouxeram como assunto comum o papel de mediação do Brasil no Oriente Médio. Entretanto, a complexidade dos conflitos da região e a real posição geopolítica brasileira demonstram o desafio da questão.

15/12/2009 - Crônica de uma visita anunciadap.08

O presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, esteve no Brasil no dia 23 de novembro para uma visita oficial cujo objetivo, entre outros, era a deliberação sobre programas nucleares juntamente com o presidente Lula. A chegada da comitiva presidencial foi antecedida por protestos de várias esferas da opinião pública, colocando em debate a política externa brasileira.

A visita de Shimon Peres ao Brasil e a relação brasileira com o Oriente Médio

Análise
Desenvolvimento

Jéssica Silva Fernandes
15 de dezembro de 2009

Após muito tempo, o Brasil aprofunda as relações com países do Oriente Médio, recebendo a visita do presidente de Israel e do líder da Autoridade Nacional Palestina. O país busca espaço para atuar diplomaticamente como mediador no conflito israelense-palestino, aumentando, assim, sua relevância em âmbito político e seus laços comerciais com a região.

Após 21 anos de uma declaração unilateral de Independência que de fato não fora implementada¹, autoridades palestinas recentemente afirmaram que pretendem lutar para se tornarem um Estado independente de Israel. O impasse é motivado principalmente pelo fato de israelenses continuarem construindo assentamentos judaicos em áreas ocupadas desde a guerra de 1967. [Ver também: Quarenta anos da Guerra de 1967]. Essas áreas são de grande interesse para a população palestina, pois estes pretendem construir um futuro Estado o qual seria localizado entre a Cisjordânia, Jerusalém Oriental e a Faixa de Gaza. [Ver mapa: Israel e Territórios Palestinos 2004]

A consolidação de tal Estado seria considerada um pré-requisito para a retomada das negociações de paz entre

israelenses e palestinos. Dessa forma, palestinos têm buscado apoio da ONU e dos países do sistema internacional. De acordo com o negociador-chefe palestino, Saeb Erekat, o objetivo é pedir ao Conselho de Segurança da ONU o reconhecimento da Palestina como um Estado independente dos israelenses.

Porém, existe a possibilidade de veto por parte dos americanos, tradicionais aliados dos israelenses, o que impediria a consolidação da independência do território palestino. Diante disso, autoridades do Oriente Médio visitam outros países a fim de buscar apoio internacional no impasse caracterizado por Israel e Palestina.

Dessa forma, o Brasil ganha espaço para agir diplomaticamente no conflito, recebendo visitas de líderes como Shimon Peres e Mahmoud Abbas [Ver também: Brasil: Papel de Mediador no Oriente Médio?]. De acordo com o embaixador de Israel em Brasília, Giora Becher, “o Brasil teria um importante papel em apoiar as forças moderadas dentro do mundo árabe.”

Ademais, a atuação brasileira na mediação do conflito Israel-palestino pode ser justificada pelo fato de o Brasil não possuir nenhum interesse definido em

¹ Em 15 de Novembro de 1988, numa reunião do Conselho Nacional Palestino realizada em Argel, foi proclamada a Declaração de Independência da Palestina, que cria um Estado independente e democrático, com Jerusalém como capital, assegurando o direito do povo palestino a viver na sua terra como todos os outros povos. Fonte: <http://www.mppm-palestina.org/index.php/semana-da-palestina/86-a-existencia-dos-palestinos-enquanto-povo-esta-ameacada>

termos estratégicos na região; pela tradição do país em tentar solucionar conflitos de uma forma pacífica, e pela alta competência e rigorosa formação dos diplomatas brasileiros.²

Buscando um papel político para o Brasil na mediação do conflito, o presidente Lula, em novembro de 2009, recebeu a visita do presidente Shimon Peres. É importante ressaltar que esta é a primeira visita de um chefe de Estado israelense em mais de 40 anos, o qual afirmou estar feliz pelo apoio político brasileiro no processo de negociação de paz. Peres, afirmou que a maioria dos israelenses apóia a criação de um Estado palestino ao lado de Israel, e disse estar consciente das concessões que deverão ser feitas.³ No entanto, tal argumentação pode ser vista como uma contradição pelo fato do conflito ser gerado pelas questões territoriais e fronteiriças entre israelenses e palestinos.

No que tange aos assentamentos, vistos como principal questão para a resolução do impasse, Peres responde ao ser questionado que não serão construídos novos assentamentos e que haverá uma interrupção nos que já existem. O presidente israelense, que já fora premiado com o Nobel da Paz em 1993 pelos esforços que concretizaram o Tratado de Oslo [Ver também: Palestina e Israel: Acordos de Oslo, Camp David II e Mapa da Paz], se diz preparado para uma “paz imperfeita” para evitar a ocorrência de conflitos violentos.

² cf. OLIVEIRA & LESSA (orgs.), 2006.

³ O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, propôs ao seu gabinete uma iniciativa para suspender durante dez meses a construção e concessão de licenças para construção de novas casas nas colônias judaicas da Cisjordânia. Netanyahu afirmou a seus assessores que a medida serviria de prova de que busca a paz na região. fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u657391.shtml>

Acerca da visita do líder ao Brasil, estava estabelecida para a agenda a visita ao ministro brasileiro de Defesa Nelson Jobim e dentre outros temas políticos, estava previsto um pronunciamento com a sessão Conjunta da Câmara do Senado.

Ademais, acordos de cunho econômico foram realizados. Segundo o embaixador de Israel no Brasil, Becher, um dos objetivos da visita consiste na ampliação de laços econômicos com o Brasil. Dentre estes, é possível evidenciar várias aéreas, dentre as quais turismo, cinema e cooperação técnica, além de um tratado de extradição. Além desses novos acordos, o presidente israelense visitou a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) no dia 12 de novembro onde realizou uma palestra.

Nessa ocasião, Peres destacou o potencial das relações comerciais entre Brasil e Israel. Afirmou ainda que Israel pode ser um importante parceiro para oferecer tecnologia ao Brasil. Destacou ainda algumas áreas industriais nas quais estima-se a possibilidade de um elevado potencial de negócios. Dentre essas é interessante mencionar a produção de células-tronco, área na qual o país do Oriente Médio tem grande força; o segmento de novas energias, indústria em que o Brasil é líder mundial; o reaproveitamento da água, setor considerado o grande desafio do mundo moderno; a formação de professores e a segurança⁴. Diante disso, é possível perceber que os acordos comerciais e econômicos entre Brasil e Israel podem favorecer a ambas economias.

Vale ressaltar que as relações do Brasil com países do Oriente Médio não são historicamente muito intensas. Nota-se que recentemente ocorreu um aprofundamento das relações entre essas regiões; sendo assim, quando recorre-se à história, observa-se na política externa brasileira poucos envolvimento do Brasil

⁴ Fonte: Gazeta do Povo

com o Oriente Médio, quando se estabelece como padrão comparativo as relações do Brasil com os Estados Unidos, a União Européia e os países do Mercosul.

Dentre os períodos nos quais registrou-se uma relação do Brasil com o Mundo Árabe, é possível mencionar o governo Geisel, período no qual ocorreu um fortalecimento dos laços econômicos, políticos e comerciais com países do Oriente Médio. No entanto, nas décadas posteriores evidenciou-se um afastamento do Brasil nas relações com tais países.

Nesse contexto, embaixadas brasileiras no Oriente Médio foram fechadas, e ocorreu uma diminuição nos laços comerciais entre essas duas áreas. Porém, ao final do governo de Fernando Henrique Cardoso, evidenciou-se um aumento nos fluxos comerciais motivado pela dificuldade das negociações no continente sul-americano devido à Crise do Mercosul. Diante da necessidade de novos mercados e da existência de oportunidades de investimentos no Oriente Médio, as relações entre essas duas regiões começaram a ser refeitas.

Em seqüência, no governo Lula, observou-se um aumento do interesse do Brasil com o Oriente Médio. O governo Lula continuou a estratégia iniciada pelo governo anterior nas áreas econômicas e comerciais, expandindo também para a área política, o que pode ser ratificado pelos fatos que ocorreram recentemente.

Além da visita do presidente israelense ao Brasil, comprovando o aumento nas relações brasileiras com o mundo árabe, o presidente brasileiro recebeu o presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP) Mahmoud Abbas. De acordo com este, o presidente Lula conquistou admiração internacional e, em função disso foi convidado a mediar as negociações de paz no conflito motivado pela independência do território palestino.

Durante a visita, Lula afirmou que “todos os governos devem colocar esse tema entre suas prioridades” e, condenou ainda

a ampliação dos assentamentos israelenses na Cisjordânia. Após a visita do líder palestino ao Brasil, este prosseguiu sua viagem pela América Latina a fim de buscar apoio para a criação dos Estados palestinos.

Diante de tal contexto e, das visitas israelense e palestina ao Brasil, nota-se uma busca do governo Lula por uma participação brasileira na mediação do conflito. Como afirmou o presidente Lula “não é possível construir a paz necessária no Oriente Médio se não conversar com todas as forças políticas e religiosas que querem paz e que se opõem à paz.” Neste processo, o Brasil aumenta suas relações bilaterais com países do Oriente Médio, o que a princípio estaria refletindo de forma positiva nos acordos econômicos do país.

Referência

Artigo:

JARDIM, Denise Fagundes. “Palestinos: as redefinições de fronteiras e cidadania”. Horizontes Antropológicos vol.9, nº19 Porto Alegre Julho 2003.

Livro:

OLIVEIRA, Henrique Altemani de; LESSA, Antônio Carlos (Orgs.). **Relações internacionais do Brasil: temas e agendas**. São Paulo: Saraiva, 2006 p.243-263

Sites:

BBC Brasil

<http://www.bbc.co.uk/portuguese>

Folha On line

<http://www.1folhauol.com.br>

Gazeta do Povo

<http://portal.com.br/gazetadopovo/mundo/>

O Estadão

<http://www.estadao.com.br>

Movimento pelos direitos do Povo Palestino

www.mppm-palestina.org

Yahoo Notícias

<http://br.noticias.yahoo.com>

Ver também :

[17/11/2004-Palestina e Israel: Acordos de Oslo, Camp David II e Mapa da Paz](#)

[20/06/2007-Quarenta anos da Guerra de 1967](#)

[30/11/2009-Brasil: papel de mediador no Oriente Médio?](#)

Palavras Chave: Israel-Palestina, Brasil, Lula, Shimon Peres, Negociações pela paz, Acordos Comerciais

Brasil: Papel de Mediador no Oriente Médio?

Análise
Desenvolvimento

Rúbia Rodrigues
15 de dezembro de 2009

As visitas do presidente israelense, Shimon Peres, do presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad e do líder palestino Mahmoud Abbas trouxeram como assunto comum o papel de mediação do Brasil no Oriente Médio. Entretanto, a complexidade dos conflitos da região e a real posição geopolítica brasileira demonstram o desafio da questão.

O Brasil recebeu, no mês de novembro deste ano, a visita do presidente israelense, Shimon Peres, do presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, e do líder palestino Mahmoud Abbas. Tal fato demonstra as relações próximas do Brasil perante os principais atores do Oriente Médio e o interesse do país em reforçar a posição em que se vê como potência emergente. Na tentativa de melhorar sua posição internacional, além de pleitear uma cadeira permanente no Conselho de Segurança, o Brasil vem tentando se incluir como novo mediador apresentando “idéias brasileiras” em conflitos internacionais.¹

Segundo Oliver Stuenkel, cientista político do Global Public Policy Institute de Berlim², o Brasil é um dos poucos países que possui boas relações com esses três países e que esse fato pode favorecer o estabelecimento de uma conversação entre Israel e Irã.

Israel

O presidente Shimon Peres, em sua visita, pediu apoio ao presidente Lula para mediar os conflitos do Oriente Médio e pedir ajuda na luta contra ações terroristas. Sobre o Irã, Peres argumentou que este país representa um perigo mundial, pois produz armas nucleares e anseia pela destruição do Estado de Israel. Ainda, Peres reconheceu o direito de um Estado palestino e se colocou disposto a recomendar a discutir os conflitos com o governo palestino.

Em reunião do Ministro das Relações Exteriores Celso Amorim com o chanceler israelense Avignor Lieberman, Amorim colocou como discutível a questão do aumento dos assentamentos judaicos na Cisjordânia enquanto o chanceler israelense afirmou não ter havido aumento das construções.

Irã

A vinda do Presidente Mahmoud Ahmadinejad ao Brasil visou reforçar aspirações comuns dos dois países na área de energia e desenvolvimento científico. Além disso, com a intenção de dar mais vigor às trocas comerciais dos dois países, o Irã pode se tornar o maior destino

¹ Essa idéia pode ser vista na Seleção Diária de Notícias Nacionais do Ministério das Relações Exteriores em vários momentos da diplomacia brasileira. Para demais consultas: <http://www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe3.asp?ID_RESENHA=533673>.

² Em entrevista ao jornal alemão Deutsche Welle.

comercial do Brasil no Oriente Médio.³ Esse fato demonstra a importância do aspecto econômico na relação entre os dois países.

No encontro dos presidentes Lula e Ahmadinejad, foi clara a posição do Brasil em relação às pesquisas nucleares, sendo que devem ocorrer somente para fins pacíficos. Os acordos de cooperação que foram firmados pautavam a área de energia elétrica e segurança alimentar.

Autoridade Nacional da Palestina

Na visita de Abbas, o governo brasileiro se posicionou em relação à questão Israel-Palestina de forma que defende “a solução de dois Estados” e se demonstra preocupado com a decisão de Israel em construir 900 novas casas no assentamento de Gilo, em Jerusalém. No entanto, segundo defende Cristina Pecequillo⁴, o Brasil não tomaria uma atitude mais forte em relação à questão que viesse desgastar sua relação com Washington (EUA) e que contrariasse o multilateralismo da Organização das Nações Unidas (ONU).

A posição histórica do Brasil é a defesa de um Estado Palestino, mas que não deve ser estabelecido de forma unilateral. O embaixador da Delegação Especial da Palestina, Ibrahim Al-Zebem, em entrevista ao jornal Correio Braziliense, afirmou que “o Brasil pode convencer Israel a se retirar do território palestino e abandonar a política de ocupação, de segregação racial, de criar muros.”⁵ O

³ Em discurso ao Presidente Ahmadinejad, Lula ressaltou a importância do comércio bilateral entre os países. Para eventuais consultas: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u656363.shtml>>.

⁴ Professora de Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista (Unesp) em entrevista ao Correio Braziliense.

⁵ Para eventuais consultas: <<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/182/2009/11/20/mundo,i=155842/LULA>>.

governo brasileiro acredita que as decisões do governo israelense nesse âmbito violam as resoluções do Conselho de Segurança da ONU e contrariam as obrigações assumidas por Israel no Mapa do Caminho⁶. Para José Flávio Sombra Saraiva⁷, “há impaciência em relação ao acordo de paz para o tema Palestina-Israel. Portanto, os EUA vêm buscando envolver mais atores na construção de um espaço de diálogo, papel que o Brasil preencheu muito com essas três visitas” o que demonstra uma apreciação mais que uma atitude depreciativa da iniciativa brasileira em receber os três líderes do Oriente Médio.

Considerações Finais

Em todas as visitas feitas foi colocado o interesse na mediação do governo brasileiro nos conflitos que perpassam esses três países. Tanto Peres quanto Ahmadinejad e Abbas colocaram que a posição de um mediador deveria vir de um país que representasse uma boa

+RECEBE+LIDER+PALESTINO+MAHMUD+ABBAS+EM+SALVADOR.shtml>.

⁶ Também conhecido como “Mapa da Paz”, foi uma solução apresentada por Estados Unidos, União Européia, Rússia e ONU em 2003 que condicionam a criação de um Estado Palestino a três trâmites: 1) a reorganização dos serviços de segurança da Autoridade Palestina em três organizações sob autoridade de um Ministro do Interior, que efetivamente combata o Hamas, o Jijad Islâmico e as Brigadas dos Mártires de Al-Aqsa, e eventualmente outros grupos que apareçam na região; o desmantelamento dos assentamentos israelenses construídos depois de março de 2001; e a retirada progressiva das tropas israelenses dos territórios ocupados; 2) criação de um Estado Palestino independente e uma conferência internacional sobre o Mapa da Paz; e, finalmente, 3) o fim permanente ao conflito com um acordo final sobre as fronteiras, o status de Jerusalém e o futuro dos refugiados e assentamentos israelenses, que deve[ria] acontecer até 2005. Os Estados árabes também devem firmar acordos de paz com Israel.

⁷ Em entrevista à Agência da Universidade de Brasília.

relação com todas as partes e com os Estados Unidos e que este país seria o Brasil.

Para o governo brasileiro, a questão diz respeito à guerra e à paz no mundo e o mesmo não poderia se portar de forma furtiva caso fosse convidado a estar presente nos processos de negociação. Lula acredita que deve ser feito um trabalho coletivo em favor a paz, porém, é preciso que todos os governos coloquem esse tema como prioridade em suas agendas.

Uma solução para esses conflitos históricos é, ainda, uma questão muito importante que necessita, portanto, de um esforço mundial. É importante que o Brasil se posicione acerca dessas questões, entretanto, dificilmente uma mediação unicamente brasileira seria capaz de solucionar um conflito tão complexo.

Referência

Jornal Estado de Minas - edições do dia 21/11/2009 e 22/11/2009

BBC

<http://www.bbc.co.uk/>

Correio Braziliense

<http://www.correiobraziliense.com.br/>

Deutsche Welle

<http://www.dw-world.de/>

Folha Online

<http://www1.folha.uol.com.br/>

Reuters Brasil

<http://br.reuters.com/>

Estadão

<http://www.estadao.com.br/>

Seleção Diária de Notícias MRE

<http://www.mre.gov.br/portugues/imprensa/noticias3.asp>

UnB Agência

<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/cpmod.php?id=48580>

Ver Também:

17-11-2004: [Palestina e Israel: Acordos de Oslo, Camp David e Mapa da Paz](#)

13-08-2006: [Perspectivas para o conflito árabe-israelense - Parte 1](#)

28-09-2006: [Perspectivas para o conflito árabe-israelense - Parte 2](#)

Palavras Chave: Brasil, Irã, Israel, Autoridade Nacional da Palestina

Crônica de uma visita anunciada

Análise
Segurança

Thainá Sesterhenn
15 de dezembro de 2009

O presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, esteve no Brasil no dia 23 de novembro para uma visita oficial cujo objetivo, entre outros, era a deliberação sobre programas nucleares juntamente com o presidente Lula. A chegada da comitiva presidencial foi antecedida por protestos de várias esferas da opinião pública, colocando em debate a política externa brasileira.

Em uma manobra ousada de política externa, o presidente Lula recebeu no dia 23 de novembro o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, para uma discussão acerca da agenda nuclear dos dois países. O fato é que desde junho, divergências sobre a visita do presidente começaram a ser suscitadas. Tais discussões foram deflagradas pelas controversas eleições presidenciais iranianas (Ver Também: [A polêmica eleição iraniana e seus desdobramentos](#)). Entretanto, foi com a iminência da chegada de Ahmadinejad que as manifestações se intensificaram – não apenas dentro do Brasil, visto que congressistas estadunidenses também se pronunciaram acerca da referida questão.

Quanto à repercussão internacional da visita de Ahmadinejad, essa pode ser demonstrada na audiência que ocorreu em 27 de outubro na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos para deliberar sobre a presença do Irã na América Latina. O tom da reunião foi marcado pela oposição dos congressistas estadunidenses à visita do presidente iraniano, principalmente ao Brasil, uma vez que, segundo Connie Mack, conforme consta no site da BBC Brasil, “Junto com a liderança vem a responsabilidade”, ou seja, de acordo com o político da Flórida, se o Brasil é um líder no hemisfério sul, deve se comportar como tal e, para ele,

isso significa não seguir a tendência política Venezuelana de alinhamento com o Irã. Ainda sobre tal fato, segundo a BBC, o Congressista Eliot Engel (que é membro do Brasil-Caucus¹) afirmou que estava “desnortado” por causa da aproximação do Brasil com o Irã.

Grande parte da polêmica causada pela visita de Ahmadinejad, não só nos Estados Unidos, mas também no Brasil, reside na postura do presidente iraniano em relação aos judeus. Desde que assumiu o governo do Irã, em 2005, Ahmadinejad manteve uma postura conservadora em relação à questão semita. Seus discursos foram sempre contundentes, adotando expressões bastante incisivas para reiterar o não-reconhecimento do estado de Israel, como, por exemplo, quando afirmou que o referido país deveria ser “varrido do mapa”, em 2005. Entretanto, a afirmação que causou maior revolta, recentemente, foi a de que o “Holocausto foi uma fraude”. Em um de seus inflamados discursos anti-semitas, em junho, durante a campanha para a re-eleição presidencial, o presidente negou o ocorrência do fato histórico, no qual, segundo as estimativas, mais de seis milhões de judeus foram mortos.

Tais declarações motivaram a comunidade

¹ Bancada que apóia o estreitamento das relações entre Brasil e Estados Unidos

judaica no Brasil a, junto com outros grupos sociais, organizar protestos contra a visita do presidente iraniano em diversas cidades. No Rio de Janeiro cerca de duas mil pessoas se reuniram na praia de Ipanema a fim de se manifestarem contra a visita do presidente iraniano. Em São Paulo e Brasília também houve grande movimentação. Além de grupos judaicos, os protestos contavam com associações de homossexuais, grupos religiosos e com demais membros da sociedade civil que – insatisfeitos com o descaso (segundo eles) do Presidente do Irã com a questão dos Direitos Humanos – exigiam que o Presidente Lula não o recebesse com honras de chefe de Estado. É válido destacar que, ainda que em menor número, houve manifestações a favor da visita, que comemoravam a política externa brasileira e o anti-sionismo² de Ahmadinejad.

Além de manifestações da sociedade civil, alguns parlamentares brasileiros também se declararam publicamente contra a visita do Presidente iraniano. Os deputados do PSDB Marcelo Itagiba (RJ) e Zenaldo Coutinho (BA) estenderam faixas na entrada do plenário, onde Ahmadinejad passaria, em repúdio à postura do mesmo sob o holocausto. Estavam presentes, também, sobreviventes judeus da Segunda Guerra, a fim de reforçar a existência do holocausto.

Todavia, em meio a tantas manifestações, Mahmoud Ahmadinejad foi recebido pelo presidente Lula com todas as honras de um chefe de Estado. Foi a primeira vez, em cerca de 50 anos, que um presidente iraniano visitava, oficialmente, o Brasil. Além de visitar o Congresso Nacional, a Universidade de Brasília e de participar de uma conferência empresarial entre Brasil e Irã, Ahmadinejad esteve em uma reunião privada com o Presidente brasileiro no

² Vale destacar que anti-sionismo é o movimento contra a criação do estado de Israel e não está, necessariamente, relacionado com o anti-semitismo.

Itamaraty para a assinatura de 13 tratados bilaterais de cooperação, em oito áreas, entre elas cultura, mercado financeiro e, em destaque, tecnologia e energia.

Há, no entanto, uma percepção manifesta por parte dos dois países de que os programas nucleares dos mesmos são semelhantes. Lula acredita que Ahmadinejad tenha tanto direito quanto o Brasil de enriquecer Urânio, ainda que no âmbito da ONU não exista essa mesma crença. O Irã se inclui no conceito de “Eixo do Mal” [Ver também: [O eixo do mal, segunda rodada](#)], que foi amplamente difundido na Doutrina Bush de combate ao terrorismo. Isso quer dizer que o Irã é percebido por alguns países do Ocidente como uma país que possui alinhamento com grupos terroristas. Devido a tal aproximação, a utilização de energia nuclear no Irã, ainda que para fins civis, não é vista da mesma forma que o programa de enriquecimento de Urânio brasileiro. Uma prova disso é a visita de inspetores da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) ao Irã para verificar o programa nuclear do país.

Tal intolerância para com o enriquecimento de Urânio iraniano fez com que o presidente Lula percebesse uma ameaça em potencial. Ou seja, ainda que hoje o programa nuclear brasileiro seja aceito pela sociedade internacional, proibir o Irã de fazê-lo pode significar que o uso de energia atômica no Brasil venha a ser questionado futuramente. Assim, os tomadores de decisão brasileiros acreditaram que uma aproximação com o Irã poderia aumentar a credibilidade do mesmo no sistema internacional e, portanto, cessar questionamentos acerca do enriquecimento de Urânio no país. Além disso, com vistas a um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, o presidente Lula acreditou que pudesse contribuir para a mediação do conflito no Oriente Médio.

O fato é que a recepção do Presidente Iraniano foi uma ousada atitude de

política externa. Isso pode ser verificado pela repercussão tanto no âmbito doméstico quanto no internacional da visita. É válido destacar que o discurso ocidental firmou Ahamdinejad como uma espécie de vilão internacional que desrespeita, amplamente, os Direitos Humanos. Portanto, receber tal figura com as mesmas honras que se recebe um chefe de Estado defensor dos Direitos Humanos provocou forte descontentamento em alguns setores da sociedade civil brasileira.

No que tange à sociedade internacional, o cerne do descontentamento com a visita reside no suposto alinhamento iraniano com grupos terroristas. Tanto que o congressista estadunidense Connie Mack chegou a afirmar que relações brasileiras com o Irã podem prejudicar as ambições brasileiras de conseguir um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, de acordo com a BBC Brasil. O jornal estadunidense, Washington Post, declarou que tentar mediar o conflito no Oriente Médio através do Irã é ignorância, devido ao caráter fundamentalista do líder do país. A imprensa espanhola também se manifestou dizendo que a visita de Ahmadinejad e a maneira como ele foi recebido podem tirar o prestígio internacional que tem o Presidente Lula. O presidente dos EUA, Barack Obama, em carta a Lula, afirmou seu descontentamento com a visita de Ahmadinejad ao país, no entanto, sendo o Brasil soberano, pediu ajuda do chefe de Estado brasileiro para que intercedesse pelos direitos humanos e pela cooperação com a AIEA. Já o presidente venezuelano, Hugo Chávez, durante a visita de Ahmadinejad ao seu país, teceu, juntamente com o líder iraniano, longos elogios a Lula e à política externa brasileira.

Outro desdobramento importante acerca da questão nuclear entre Brasil e Irã foi a abstenção brasileira na votação, no Conselho da AIEA, de uma resolução que pede a paralisação das obras das plantas

das usinas de enriquecimento de Urânio no Irã. Abstendo-se de votar, o Brasil foi coerente com a postura de diálogo que adotou em relação ao Irã, manifesta na recepção do presidente de tal país, e na defesa do programa nuclear iraniano para fins energéticos.

Ainda é cedo para a prospecção dos resultados da visita de Ahmadinejad ao Brasil para a imagem do país perante a sociedade internacional. Entretanto, pode-se dizer que a atitude do presidente brasileiro faz parte de uma política de diálogo amplo, principalmente Sul-Sul, que tem destaque na política externa no governo Lula, e que é responsável por uma maior projeção internacional brasileira. A manobra política dos formuladores de política externa do Brasil foi ousada, mas os resultados dependem da postura que o Irã vai adotar. Caso o país coopere, o Brasil ganha créditos junto aos demais países ocidentais. Caso não coopere, Lula pode ser visto como uma figura quixotesca, que busca se aliar ao mundo todo, literalmente.

Referência

Sites:

BBC Brasil

<http://www.bbc.co.uk/portuguese>

Folha On-line

<http://www.folha.uol.com.br/>

G1 - Portal de Notícias da Globo

<http://g1.globo.com/>

Estado de São Paulo

<http://www.estadao.com.br>

O Globo

<http://oglobo.globo.com>

Washington Post

<http://www.washingtonpost.com>

El País

<http://www.elpais.com>

Angola Press

<http://www.portalangop.co.ao>

Ver Também:

30/06/2009: [A polêmica eleição iraniana e seus desdobramentos](#)

14/07/2006: [Eixo do Mal, Segunda Rodada](#)

Palavras-chave: Brasil, Irã, Lula, Ahmadinejad.

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica - MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Vice-reitora: Prof^a. Patrícia Bernardes

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação-Geral: Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine
Prof. Leonardo César Souza Ramos
Prof^a. Liana Araújo Lopes

Membros: Anna Paula Ribeiro Araujo Mamede; Celso Augusto de Freitas Filho; Daniel Peluso Rodrigues da Silva; Jéssica Silva Fernandes; Larissa Rabelo Pires Martins; Maria Eugênia Rodrigues de Souza Nassim; Marina Scotelaro de Castro; Rúbia Pereira Rodrigues; Thainá Sesterhenn Chaves; Vivian Machado Magalhães Moreira;

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Dom José Gaspar, 500, Prédio 43, 4º andar. Coração Eucarístico. Belo Horizonte - MG - CEP 30535-901 Tel: (31) 3319-4495
email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>